

Caio Prado leva Caymmi para a batida afrobeat

PÁGINA 2



'Matilde' discute etarismo com graça e beleza

PÁGINA 6



Um roteiro para celebrar o Dia do Carbonara

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Oswaldo Montenegro recorre a novos recursos para ampliar camadas sonoras do show ao vivo

Por Affonso Nunes

Oswaldo Montenegro retorna aos palcos neste sábado (5), às 21h, no Vivo Rio, com o espetáculo imperdível, “O Melhor da Vida Ainda Vai Acontecer”, que, além de ser o título de seu novo sucesso, marca uma nova fase de sua carreira, em que a música se mistura com tecnologia e emoção. O cantor e compositor promete levar o público a uma experiência sensorial única, que une poesia, música e imagens. O novo projeto é uma celebração dos 50 anos de carreira de Montenegro, artista que sempre soube transformar suas vivências em canções e histórias.

A canção-título é um reflexo da sua visão otimista e poética sobre a vida, e outros sucessos de sua trajetória, como “Bandolins”, “A Lista”, “Lua e Flor” e “Léo e Bia”. A surpresa fica por conta de “Segue”, uma composição inédita ao vivo, que foi gravada por Gonzaguinha nos anos 1980. Ao fim dessa performance, a voz de Gonzaguinha será projetada no telão, fazendo um dueto virtual com Montenegro, criando uma sensação de reencontro entre os dois artistas.

A cenografia do espetáculo é uma atração à parte. Um imenso painel de LED no palco transforma o show em uma verdadeira experiência visual, criando um elo entre o artista e as imagens que retratam sua vida e carreira. Enquanto Montenegro se alterna entre violões de 6 e 12 cordas, no painel de LED ele surge ao piano, numa interação que traz uma sensação de imersão ainda maior para o



Divulgação

No show, Oswaldo interage com o telão (onde toca piano)

O Menestrel tecnológico

público. A flautista Madalena Salles, sua amiga-irmã de cinco décadas, também participa dessa “brincadeira” tecnológica, podendo multiplicar sua flauta e interagir com as imagens projetadas, criando camadas sonoras que enriquecem os arranjos pensados para o palco. Junto a eles, o multi-instrumentista Alexandre Meu Rei traz sua assinatura sonora, contribuindo com as guitarras e programações que adicionam um frescor contem-

porâneo às músicas de Montenegro. O show apresenta uma sonoridade que mistura o tradicional e o moderno. As músicas do Menestrel ganham roupagem contemporânea, sem perder a essência que sempre fez a poesia de Montenegro tocar a alma dos fãs. O show, que mistura teatro, cinema e música, é mais do que uma apresentação – é uma verdadeira viagem sensorial, que faz o público se conectar

não apenas com a obra de Oswaldo, mas também com o artista, suas histórias, suas emoções e sua visão de mundo.

SERVIÇO
OSWALDO MONTENEGRO O MELHOR DA VIDA VAI ACONTECER
Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo) | 5/4, às 21h | A partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

CORREIO CULTURAL

O dia que Caymmi
caiu no afrobeat

Divulgação

Brosnam viveu James Bond em quatro longas

Ex-007, Pierce Brosnam vê
sexismo na história da franquia

O astro Pierce Brosnan demonstrou apoio a Helen Mirren, que criticou a forma como as mulheres foram retratadas na franquia “007”. Brosnan concordou com fala de Mirren sobre o sexismo das produções.

Em entrevista ao The London Standard, a atriz afirmou: “Todo o conceito de James Bond é encharcado

e nascido de um profundo sexismo”.

Questionado sobre as falas da colega, Brosnan disse que nunca conversou sobre isso com Mirren, mas que concorda com suas críticas: “Sim, há um certo acordo aí. Mas há um certo mundo e espaço para se mover dentro do arco do que [o criador de Bond] Ian Fleming colocou”.

Fim de ciclo

Leandra Leal encerrou seu contrato com a Globo após 30 anos. A atriz entrou na emissora aos 12 anos. Em postagem nas redes, ela lembrou que, na época, havia acabado de perder o pai e “viu o mundo se abrir na quarta parede do estúdio”.

Fim de ciclo II

A emissora tem mudado o regime de trabalho dos atores. Em vez de um contrato exclusivo, nome como Paolla Oliveira, Claudia Raia e Glória Pires passaram a ser contratadas por obra. Outras, como Taís Araujo, mantiveram o contrato fixo.

Ao batente!

Dois meses após o nascimento de seu terceiro filho, Gisele Bündchen, estrela a campanha de primavera 2025 da Marc O’Polo. É o primeiro ensaio da modelo desde a chegada do menino, fruto de seu relacionamento com Joaquim Valente.

Ao batente! II

O ensaio foi realizado em uma praia paradisíaca e assinado pelo renomado fotógrafo de moda Lachlan Bailey. Embora não esteja claro quando exatamente as fotos foram tiradas, Gisele posou com os looks neutros e sustentáveis da marca sueca.

Referência do novo pop brasileiro, Caio Prado relê as canções do velho mestre baiano

Por Affonso Nunes

Caio Prado estreia neste domingo (6), no Blue Note Rio, o show “Caio Canta Caymmi” numa apresentação que propõe um encontro entre clássicos da MPB e a modernidade pop de inspiração africana, misturando os ritmos de Caymmi com o amapiano e o afrobeat. “É nesse barco que estou pensando a musicalidade do projeto, trazendo os ritmos urbanos tão globalizados hoje para reler Caymmi. Dá sequência a uma estética pop do meu último álbum (‘Caio em Ti’. E acredito que tem muito a ver com esse popular de Dorival, respeitando o clássico”, afirma Caio ao Correio da Manhã.

Compositor e intérprete de relevância na nova cena musical, Caio foi amadrinhado e gravado por Elza Soares, além de ter sido protagonista de um momento marcante ao lado de Alcione no programa “Falas Negras” TV Globo). Sua conexão com a obra da família Caymmi remonta à adolescência, quando encontrou em Nana um caminho de afetos e identidade. “Tudo que ela cantava de Dori e Danilo me soava muito íntimo. Uma família que marca o cancioneiro popular. Revisitar essa obra com um olhar próprio tem sido um processo transformador”, destaca.

“Me aprofundar na obra de Dorival Caymmi e sua vida tem sido enriquecedor. Nós estamos vivendo momentos de muita fugacidade das coisas e, quando a gente se



André Hawk/Divulgação

Caio Prado: ‘Em tempos de ainda intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana, cantar Dorival é um rito

debruça sobre a história da música popular brasileira através de um dos pais do cancioneiro popular, em cantigas de roda e canções praieiras, a gente retoma verdadeiros propósitos. É como se eu estivesse resgatando uma essência perdida”, explica Caio que, no palco, contará com uma formação musical de peso. Dachua assina a direção artística, cuidando dos samplers e do baixo elétrico, enquanto Elísio Freitas, responsável pela direção musical, traz guitarras e violões que dialogam com as percussões de Marcos Suzano e Bernardo Aguiar, criando uma atmosfera única e envolvente.

Para Caio, o show traz um simbolismo profundo. “Dorival, nosso buda nagô, falava exatamente sobre a simplicidade das coisas. A maneira com que ele cantava a vida humilde dos pescadores na Bahia; sua ascensão nos tempos da rádio no Rio cantando a boemia carioca, sobretudo a praia de Copacabana – onde viveu seus últimos anos

– bairro onde vivo há sete anos. Como foi um dos precursores a saudar os orixás e símbolos do candomblé, pois era um homem extremamente assentado nas religiões de matriz africana. Isso se comunica com meu trabalho, no ponto de vista poético e ideológico.”

Para Caio, interpretar Caymmi é um ato de resistência e reverência. “Em tempos de ainda intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana, cantar Dorival é um rito, mostrando que a história da música brasileira passa por aqui. Das mãos de Dorival sai a primeira cultura de brasilidade conhecida no mundo. ‘O que que a baiana tem?’, cantada por Carmen Miranda, foi a primeira internacionalização da música brasileira.”

SERVIÇO

CAIO CANTA CAYMMI
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana) | 6/4, às 19h
| Ingressos a partir de R\$ 60

A última dança com Gal

Catto encerra neste sábado, no Circo Voador, a turnê do disco em que canta a ousadia da cantora baiana

Por Affonso Nunes

O Circo Voador foi o local escolhido por Catto para encerrar neste sábado (5) a turnê “Beleza São Coisas Acesas Por Dentro”, em que a artista celebra a obra e a ousadia de Gal Costa. Para marcar essa despedida, o show terá a participação especial de Marina Lima. A noite começa com Silvia Machete e seu espetáculo “Invisible Woman”.

Cantora, compositora e intérprete, a gaúcha Catto construiu uma trajetória marcada por sua entrega emocional e técnica apurada. Ao longo dos anos, consolidou-se como uma das vozes mais singulares da novíssima MPB, misturando MPB, pop e referências da cena alternativa. Em seus traba-



Catto recebe Marina Lima como convidada especial

Divulgação

lhos, a artista transita entre a força dramática e a delicadeza, características que ganharam ainda mais intensidade na turnê dedicada a Gal, uma de suas maiores influências.

Lançado em 2023, o álbum “Beleza São Coisas Acesas por Dentro” revisita o repertório de Gal sob uma ótica moderna, visceral. O disco conduz o ouvinte pela trajetória de uma “Vaca Profana” contemporânea pelos bares do centro de São Paulo, com releituras novas interpretações para canções como “Nada Mais”, “Tigresa” e “Vapor Barato”. A produção musical, assinada por Fabio Pinczowski e Gabriel Mayall, combina sonoridades orgânicas e eletrônicas, preservando o espírito transgressor da artista homenageada.

O trabalho foi eleito um dos 50 melhores do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte, recebeu duas indicações ao Prêmio da Música Brasileira e foi destaque no Prêmio Arcanjo de Cultura. Aclamado por público e crítica, percorreu o Brasil e passou por outros países com apresentações esgotadas.

Para encerrar essa fase, Catto sobe ao palco acompanhada pelo trio formado por Fabio Pinczowski (guitarra), Gabriel Mayall (baixo) e Michelle Abu (bateria). A apresentação terá a participação de uma de suas principais referências.

SERVIÇO

CATTO - BELEZA SÃO COISAS ACESAS POR DENTRO

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
5/4, a partir das 20h (1bertura dos portões)
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Rogério Alonso/Divulgação



Belchior por elas

Nesta sexta e sábado (4 e 5), Karina Buhr, Marisa Orth e Taciana Barros sobem ao palco do Teatro Rival Petrobras para apresentar o espetáculo “Amar e Mudar as Coisas”, show com o expressivo cancionário de Belchior que emociona gerações. As três artistas entregam-se em interpretações intensas e vibrantes – com guitarras, efeitos, baixo acústico, violões de aço e nylon – de sucessos absolutos do compositor cearense.

Divulgação



Belo na pista

Em giro pelo Brasil, Belo chega ao Rio nesta sexta-feira (4), às 22h, para apresentar no Qualistage o show “Belo na Pista”, um passeio pelos maiores sucessos da trajetória do cantor, um dos artistas em carreira solo mais bem-sucedidos do cenário musical brasileiro com mais de 7 milhões de discos vendidos, CDs e DVDs ao vivo e em estúdio, músicas entre as mais executadas do país nas rádios e TVs.

Divulgação



Bossa francesa

O Tropic Hotel é a atração deste sábado (5), às 20h, no Blue Note Rio. Formada por Sandra e Frédéric, a dupla de Toulouse (sul da França) faz da bossa nova e da música pop inglesa dos anos 1960 sua maior inspiração. Seus shows tem cenografia circular, com os músicos tocando com a plateia ao redor, criando uma relação de intimidade, não apenas entre os próprios músicos, mas também com o público.

Divulgação



Nasceu o ‘Bacuri’

O Boogarins lança nesta sexta (4), no Circo Voador, “Bacuri”, seu aguardado quinto álbum. Trazido ao mundo cinco anos após o último disco de inéditas, o trabalho marca um retorno às raízes criativas do quarteto e, ao mesmo tempo, é o mais “hi-fi” da discografia. Concebido entre 2021 e 2024, o álbum traz uma versão lapidada da linguagem de “novo rock brasileiro” que a banda de Goiânia construiu em 10 anos de caminhada.

Jesuton em modo acústico

Cantora britânica apresenta suas canções autorais e releituras no Dolores Club

Por Affonso Nunes

Jesuton comemora uma década de trajetória musical com um show que revisita sua performance acústica de voz e violão. Acompanhada por Isaac Negrene nas cordas, a cantora apresenta um repertório cuidadosamente selecionado, marcado pela conexão intensa que construiu com o público ao longo dos anos.

O espetáculo traça um panorama de sua evolução artística, combinando interpretações marcantes com faixas autorais que a levaram a grandes palcos, como Rock in Rio, The Town e Lollapalooza. No repertório, canções do DVD “Show Me Your Soul”, do álbum “Encontros” e de “Home”, seu primeiro trabalho autoral.

Em 2013, gravou três músicas para trilhas sonoras de novelas da TV Globo: “I’ll Never Love This Way Again” (Salve Jorge), “Holocene” (Flor do Caribe) e “Because You Loved Me” (Sangue Bom). No ano seguinte, lançou “Show Me Your Soul”, DVD dedicado a releituras de clássicos do soul, que contou com a participação de Marcelo D2.

“Home”, seu primeiro álbum



Divulgação

Britânica, filha de mãe jamaicana e pai nigeriano, Jesuton desenvolveu forte conexão com a MPB

autoral, chegou em 2017, com produção de Mario Caldato Jr., conhecido por trabalhos com Beastie Boys, Marisa Monte e Seu Jorge. Em 2023, lançou sua

primeira música em português, “Florescer”, faixa que integra o EP Bloom, que também inclui dois poemas autorais.

“Este show é um rito de pas-

sagem, um instante para refletir sobre o caminho percorrido e reconhecer cada versão minha que moldou quem sou hoje. Durante dez anos, Isaac e eu exploramos esse formato íntimo de voz e violão, transformando emoções em música e criando conexões profundas. Agora, estou prestes a lançar meu primeiro álbum autoral em português, ‘Hoje’, onde mergulho em novas facetas da minha identidade e ancestralidade. Antes de seguir adiante, quero trazer esse show de volta ao Rio, onde tudo começou”, afirma Jesuton.

No repertório, a fusão entre soul, R&B, pop e influências brasileiras dá o tom da apresentação. De “I’m Coming Out” a “Let’s Get It On” e “Sexual Healing”, passando pela intensidade de suas canções.

SERVIÇO

JESUTON: 10 ANOS - VOZ, VIOLÃO E A VIDA

Dolores Club (Rua do Lavradio, 10, Centro)

4/4, às 20h

Ingressos: R\$ 80, R\$ 60

(promocional antecipado) e R\$ 40 (meia) via Sympla

CRÍTICA / DISCO / CANTAREIRA

Eis a diversidade da música brasileira

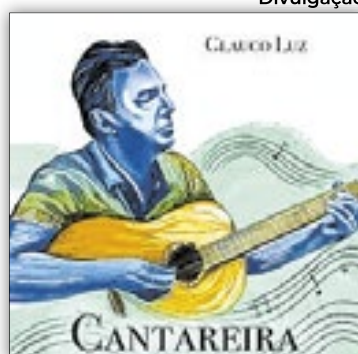
Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos do álbum independente “Cantareira”, do poeta, letrista e compositor Glauco Luz. Este é o terceiro trabalho gravado por este pernambucano, residente em Brasília. Seu primeiro CD, “Muito Tudo”, foi gravado em 2009; já o segundo, “Refinaria”, com produção do baterista Di Stéfano, gravado em 2017, é um álbum duplo com participação de grandes intérpretes.

Glauco é um ótimo letrista! Com imagens bem sacadas, a emoção vem na medida certa. E com toques de bom-humor à flor da pele, a prosódia é posta a serviço da métrica das melodias de seus parceiros. O resultado são composições de gêneros diversificados, entre os quais preponderam o espírito nordestino, a mais relevante e tradicional

música caipira e o samba, todos perdendo passagem, movidos a versos que assumem o ar da versatilidade da verve de Glauco. Ouça o álbum em <https://acesse.one/Uhk5T>.

Todos os arranjos são de Roberto Mendes e Josué Costa. E foi Costa quem entusiasmou Glauco a gravar o álbum, cuja ideia inicial seria apenas um trabalho com voz e violão. Mas, na sequência da gravação, devido a variedade de gêneros das composições, foram arregimentados outros instrumentos. E, enfim, Glauco admitiu assumir sua veia de “cantautor”, segundo ele mesmo, “Sem pretensão, mas também sem receio”. Algumas faixas do CD.



Divulgação

“Cantareira” (Glauco Luz) abre a tampa. O arranjo incendeia o suíngue da nordestinidade. Glauco canta o que lhe pede a alma criadora. A pisada, com Larissa Umayta (percussão), Josué Costa (violão) e Ademir Jr. (clarinete), dá conta de

criar a atmosfera da qual Glauco se vale para cantar com boa voz de compositor que é: “Quero todo dia teu amor e poesia/ Chuva criadeira, barulheira, ventania (...)”

Com os mesmos músicos da faixa anterior, com a letra tratando do drama do cotidiano, vem “Urbe” (Geraldo Brito e Glauco Luz), um samba cantado por Glauco com o cuidado de quem é atento aos fatos: “A cidade cresce/ E com ela a favela o estresse/ A cidade incha e com ela a miséria e a rixa/ Boca-de-sapo, olho de lince, pé-de-cabra/ E a malandragem não acaba (...)”.

“Eremita Urbano” (Aurélio Melo e Glauco Luz) abre com

Ademir Jr. (clarinete), logo seguido por Queijinho (acordeom), embaçados por José Roberto Mendes de Moraes (violão e percussão.) Logo, Glauco canta: “Eu escrevo torto/ Mesmo Em linha reta/ Não sou o anjo barroco/ Sou muito louco/ Sou quase poeta (...)”.

“Fuxico” (Osnir e Glauco Luz), samba esperto e letra astuta, bem interpretada por Glauco: “Ela vive criticando/ Falando que eu ando esnobando Tinoco e Tonico/ Eu quando em vez, vez em quando/ Me pego cantando a Vila Isabel de Noel e Vadico. O suíngue do arranjo vem do violão (Josué Costa) e da percussão (Larissa Umayta), e pega no breu com o coro e o trompete (Ademir Junior).

Enfim, Cantareira é um belo álbum de Glauco Luz, um grande letrista da mais nova MPB.

***Vocalista do MPB4 e escritor**

ENTREVISTA / MARCOS VERAS, ATOR

'O humor erra também, mas ele mais acerta'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com projeto de longa-metragem prestes a ser filmado em Santa Catarina e dois filmes inéditos para tirar do forno, Marcos Veras pavimentou seu prestígio multimídia pelas vias do riso, jamais abandonou a arte da gargalhada, mas mostrou, faz tempo, que joga nas onze quando se pensa na multiplicidade dos gêneros narrativos. Até segurar debates comportamentais no programa "Encontro", o matinal da TV Globo, ele segurou – e firme – numa parceria com a jornalista Fátima Bernardes, hoje empenhada em outros voos. Fez drama (com brio) ao protagonizar "O Filho Eterno" (2016), de Paulo Machline, e testou seu carisma em novelas de diferentes faixas de horário. Sua multiplicidade de modos de estar (e de surpreender) foi coroada recentemente com o Prêmio Prio do Humor, por seu desempenho na peça "Insignificância - Uma Comédia Relativa", que se despede do Rio neste fim de semana.

Ao lado de Amanda Acosta, Cássio Scapin e Norival Rizzo, sob a direção de Victor Garcia Peralta, Veras segue no palco do Teatro Adolpho Bloch, na Glória, até domingo, interpretando o ídolo do beisebol Joe DiMaggio (1914-1999). A dramaturgia de Terry Johnson propõe um encontro imaginário entre uma série de personalidades do século XX, passeando pelo esporte, o cinema, a ciência e a política.

No papo a seguir, o ator fala dos desafios de ser cronista de seu tempo em manifestações artísticas diferentes, numa troca sincera com o público.

De que maneira a experiência de dar conta de figuras icônicas como o craque do beisebol Joe DiMaggio (entre Marilyn Monroe e Albert Einstein), em "Insignificância", de Terry Johnson, amplia sua imersão na história do século 20 e no simbolismo daquela Era de Extremos?

Marcos Veras: O século 20 foi marcado por grandes revoluções sociais, tecnológicas,



Priscila Prade/Divulgação

guerras... e a gente vem presenciando isso até hoje — claro que em outras proporções. Usar essas figuras icônicas, esses personagens reais, para fazer um paralelo com os dias de hoje não foi tarefa fácil, mas, no decorrer dos ensaios, fomos percebendo que avançamos em muitos aspectos... e em outros não. As guerras continuam. O uso do poder para interesses próprios, o patriarcado, a fama... tudo isso pode ser facilmente traduzido pros dias de hoje, tornando a peça super atual.

Quais são seus projetos de cinema e TV para 2025/2026 e de que maneira as recorrentes experiências teatrais no seu

currículo afiam teu olhar para as câmeras?

O teatro é a casa do ator. É lá onde somos mais donos do nosso trabalho, onde exercitamos a arte em sua plenitude. Venho fazendo projetos legais nos palcos. Emendei três peças completamente diferentes. Um musical da Broadway, o "Alguna Coisa Podre", que foi super premiado aqui no Brasil; meu solo de humor autobiográfico, chamado "Vocês Foram Maravilhosos", que continua viajando o país; e, agora, o "Insignificância". Claro que essas experiências me alimentam para o meu trabalho na TV. Eu amo fazer televisão, ela me completa como artista e faz meu trabalho chegar a mais e mais pessoas. O cinema é algo

por que sou apaixonado. Agora filmo em Florianópolis. Farei um terrir chamado "Sangue De Groselha", com Natália Lage e Nuno Leal Maia, com direção de Marko Martinz e Loli Menezes. Ainda nesse ano, lanço "Vudu Delivery", de Alain Fresnot, também com Natália Lage e Silvero Pereira. No início de 2026, deve chegar aos cinemas "O Shaolin do Sertão 2", de Halder Gomes.

Você criou uma forma de fazer rir muito particular, crítica, pautada pela sua habilidade de criar crônicas de costumes a cada reflexão sobre o dia a dia. De que maneira o teu humor lida com as exigências contemporâneas impostas à comédia?

A comédia é também uma crônica do cotidiano. Escrever e fazer requer um olhar atento pro mundo ao seu redor, pro comportamento da sociedade, e para as pautas. O humor sempre acompanhou os avanços. Claro que o humor erra também, mas ele mais acerta. É a arte mais rica e nobre que temos.

Que tipo de comédia você tenta criar hoje? Como ir além do gênero?

Acho que meu humor já passeou por muitos lugares. Já fiz o "Zorra Total", que era um humor mais caricato, clássico, de personagem, da peruca, da voz; já fiz o "Porta dos Fundos", que é um humor mais do cotidiano; já fiz imitação... Sinto que meu humor é plural. Porém, o que mais vem me atraindo é a comédia que critica, faz pensar, e emociona sem deixar o riso de lado. Um humor que possa chegar ao maior número de pessoas possível. Adoro fazer rir e emocionar num mesmo trabalho.

Lá se vão dez anos das filmagens de "O Filho Eterno". O que aquele projeto, um drama baseado no romance de Cristóvão Tezza, representou na sua carreira?

Sendo bem clichê?! Um divisor de águas. Ali pude mostrar às pessoas e ao mercado que sou ator além de comediante. Um trabalho sensível com um tema importante. Um filme que me trouxe muito aprendizado e muitas oportunidades na carreira.

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Depois que surgiram os aplicativos de namoro (ou paquera), match (que pode dizer jogo, combinação) virou palavra corriqueira, que pode ser aplicada às mais diversas situações de encontro. Esse é o caso de “Matilde”, uma peça que representa a paixão de quem gosta e de quem faz teatro. Em todos os pontos de realização, há um enorme acerto na produção de Caio Bucker. Na proposta, na equipe talentosíssima e no resultado que nos enche de prazer.

Idealizada em 2015 por Paulo Gustavo para a atriz Malu Valle, sua primeira diretora, com texto de Julia Spadaccini e direção de Gilberto Gawronski, “Matilde” apresenta a história de uma mulher aposentada de 60 anos que vive em Copacabana e tem sua rotina transformada ao alugar um quarto para Jonas, um ator de 36 anos em busca de sua grande oportunidade.

O tema poderia ser triste, até mesmo cruel, mas Júlia, premiada dramaturga, faz com muita competência algo muito difícil: diálogos curtos, bem humorados, palavras e situações totalmente cotidianas se transformam em teatro como deve ser. O cenário de Nello Marese aproveita o espaço do palco, com as 380 garrafas pet, reutilizáveis que, além da clara contemporaneidade, mostra que o teatro é algo que não se joga fora.

Malu Valle está muito bem no papel de uma julieta aposentada que vê a sorte grande bater à sua porta na figura de um doce e carismático Romeu, na pessoa de Ivan Mendes. O encontro dos dois vai além do encontro amoroso. Há um jogo de sedução, mas são duas pessoas sensíveis, com vontade de viver, de se divertir, de se emocionar.

A direção de Gilberto Gawronski, além de manter perfeitamente o difícil ritmo de comédia, sem cair um segundo, introduz elementos que fazem o espetáculo crescer. “O que mais me deu



‘Matilde’ é a história de uma aposentada que tem a rotina alterada ao alugar um quarto para um ator

Match total

Em cartaz no CCBB RJ, ‘Matilde’ traz a combinação perfeita de um espetáculo que faz rir e refletir sobre temas contemporâneos

satisfação dirigir essa comédia, eu acho que foi o fato de ser realmente uma comédia. E assim, me estimulou muito manter a leveza, a delicadeza que o texto propõe e manter, ao mesmo tempo também, como o texto tem indícios de uma distorção, de pegar aquela realidade e conseguir botar uma certa lente de aumento, uma lente distorcida, que pudesse provocar uma teatralidade mais exacerbada”, disse ele ao Correio da Manhã.

Provocado a discorrer sobre a característica mais marcante da dramaturgia de Julia Spadaccini, o diretor considera que o texto tem dois lugares. “Ao mesmo tempo que posso tratar com uma comédia de costumes, posso dar um certo estranhamento e isso ajuda até a própria comicidade do espetáculo. O que mais gostei é de lidar a questão da comédia. O texto da Julia trata sobre questões de etarismo, do empoderamento feminino,

“O texto trata sobre questões de etarismo, do empoderamento feminino, mas antes de tudo acho que conta uma história de amor, de possibilidade de encontro”

Gilberto Gawronski

mas antes de tudo acho que conta uma história de amor, de possibilidade de encontro e muito também na hora que esse casal se encontra através de um texto de teatro e ali o afeto se estabelece, o aspecto verdadeiro”, destaca.

O encenador revela ser esta a primeira vez que o encenador trabalha com um texto de Julia Spadaccini. “É uma autora que me deu muito prazer, porque acho que ela tem uma carpintaria teatral muito

gostosa de trabalhar e ela escreve com um ritmo já de cena também. Fiquei muito feliz também, assim, porque ela aceitou propostas minhas de mudança de texto”, conta. “O que foi alterado, no que seria o texto propriamente, foi que a Júlia coloca a personagem da Matilde como fã de Judy Garland. E aí quis trazer para a Rita Lee, que penso ser uma referência mais próxima de todos nós, mais abrangente, porque ao mesmo tempo que ela é um fascínio para a minha geração, que está hoje nos seus 60 anos, e também é uma figura muito presente no jovem hoje. Então eu acho que é uma figura que dialoga entre os dois personagens e passa a ser um elo de afetividade”, argumenta.

SERVIÇO MATILDE

Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro)
Até 13/4, de quintas a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / TAMBÉM QUERIA TE DIZER

Um cantinho, um ator

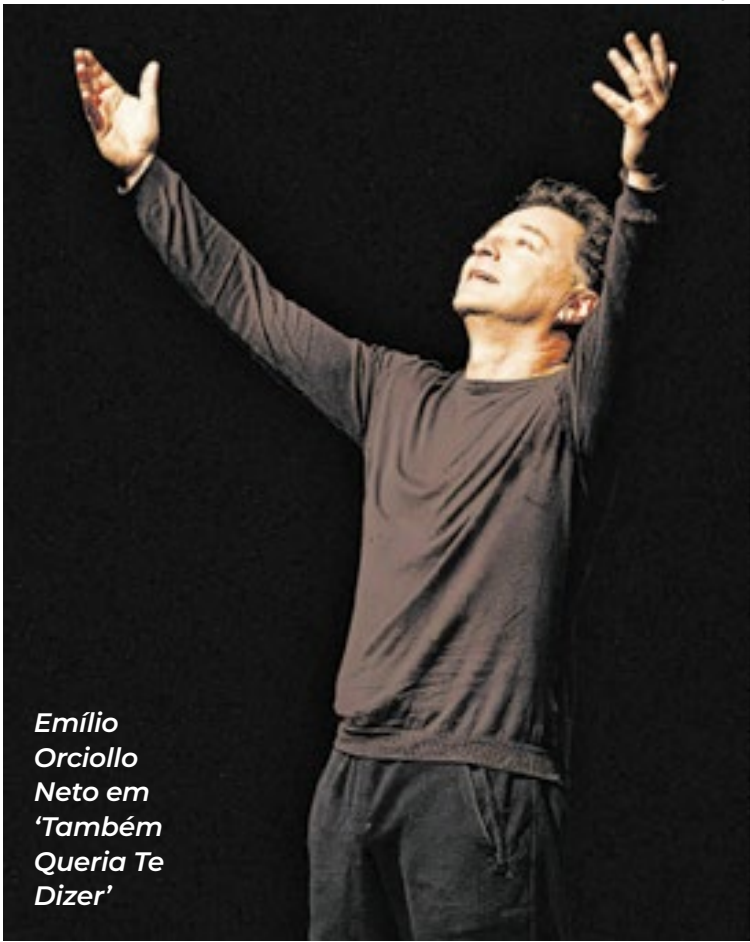
Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Há a tradição do menestrel, o cantor e poeta medieval que percorria castelos e vilas, entretenendo nobres e plebeus com histórias, poemas e canções. Muitas vezes, acompanhava-se de um instrumento musical. As suas narrativas falavam de feitos heroicos, amor cortês e lendas populares. Esse mundo, às vezes, ressurgue, permitindo-nos ver o poder de escutar o artista que, sozinho, nos fala dos sentimentos e nos emociona. Assim é Emílio Orciollo Netto em *Também Queria Te Dizer* — Cartas Masculinas.

A ideia é engenhosa – e funciona muito bem. O ator encarna, em primeira pessoa, experiências e descobertas de diversos homens, a partir de sete cartas – seis delas retiradas do best-seller “Tudo Que Eu Queria Te Dizer”, da autora Martha Medeiros, além de uma inédita, escrita especialmente para o próprio Emílio.

O texto de Marta é fluido e envolvente. A transposição para o palco – seja ele italiano, arena, praça ou rua – é a brilhante disposição de Emílio: apenas ele e uma caixa de som, apresentando as cartas fictícias que exploram diversas emoções e experiências humanas.

A interpretação de Emílio, sob a direção de Victor Garcia Peralta, dá



Emílio Orciollo Netto em ‘Também Queria Te Dizer’

Anderson Mendes/Divulgação

voz, corpo e gesto aos personagens de cada carta, que estão em momentos decisivos de suas vidas, abordando temas como perdão, desilusões amorosas e relações familiares. O tom confessional e a profundidade emocional refletem a habilidade do ator de captar a complexidade dos sentimentos humanos.

Apesar de serem confissões masculinas, Emílio consegue imprimir uma gama de sentimentos e criar proximidade com o público. Sozinho no palco, essa solidão desaparece quando ele exhibe a humanidade que todos temos e que, ao emergir no artista, nos faz sentir vivos. Plenamente.

SERVIÇO
TAMBÉM QUERIA TE DIZER
Teatro Domingos Oliveira
(Planetário da Gávea - Av. Padre Leonel Franca 240) |
Até 27/4, sextas e sábados (20h30) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Aquilo que resta

A peça “A Palavra que Resta” adapta para o teatro o premiado romance de Stênio Gardel. A história aborda os dilemas de um homem que escondeu sua sexualidade por décadas para sobreviver numa sociedade heteronormativa. Com direção de Daniel Herz, estreia nesta sexta (4) no Teatro da UFF, em Niterói. O espetáculo da Cia Atores de Laura tem seis atores que se revezam nos papéis: Paula Secco, Charles Fricks, Leandro Castilho, Paulo Hamilton e Verônica Reis — e a convidada Valéria Barcellos.

Carolina Spork/Divulgação



Princesas em ação

O musical “O Fantástico Mistério de Feiurinha” está em cartaz no Teatro dos 4 até o dia 27, aos sábados e domingos (16h). Baseada na obra de Pedro Bandeira, autor de best-sellers de literatura juvenil, a peça dirigida por Caio Godard celebra os contos de fadas e a imaginação, reunindo princesas como Cinderela, Branca de Neve e Rapunzel para solucionar um mistério. O diretor destaca a importância de adaptar a história, que encantou gerações ao fazer com que Feiurinha, a princesa desaparecida, seja encontrada e segue marcando leitores e espectadores.

Humor e auto-ajuda

O humorista e palestrante Murilo Gun traz ao Rio de Janeiro o espetáculo “Fé no Flow” neste sábado e domingo (5 e 6) na Cidade das Artes. A apresentação mistura humor e autoconhecimento, indo além do stand-up tradicional. O conceito de “flow” explora o equilíbrio entre ordem e caos, incentivando reflexões sobre uma vida mais alinhada e fluida. Com provocações e insights profundos, Gun busca despertar a consciência do público, destacando a importância de aceitar a vida como ela é. Vencedor de dois iBest, Gun é um dos pioneiros da internet no Brasil.

Divulgação

Divulgação

SHOW

MULHERES EM BEATLES

*Silvana Agla (voz e violoncelo), Daniela Spielmann (saxofones e flauta), Sheila Zagury (piano) e Mila Schiavo (percussão) apresentam suas releituras para canções dos Fab Four como “Ticket to Ride”, “Day Tripper” e “Penny Lane”. Sex (4), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

RAFAEL RUIZ

*Jovem pianista mineiro com trajetória premiada no Brasil e na Europa é o convidado da série Concertos de Eva. No programa, peças de Debussy, Rachmaninoff, Ravel e Chopin. Sáb (5), às 17h. Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa). R\$ 50 e R\$25 (meia)

TEATRO

LADY TEMPESTADE

*Monólogo com Andréa Beltrão mergulha no diário de advogada que se dedicou a salvar presos políticos. Até 27/4, qui a sab (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (R. S. João Batista, 104, Botafogo). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

DIAS FELIZES

*Montagem do texto de Samuel Beckett examina, com ironia cortante, a frágil fronteira entre a alegria e o desespero. Até 17/4, qui e sáb (19h30) e dom (19h). Espaço Armazém (Fundição Progresso - Rua dos Arcos, 24, Lapa). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

VIOLETA PARRA EM DEZ CANTOS

*Espetáculo com direção de Luiz Antônio Rocha e atuação de Rose Germano, resgata a história da multiartista chilena. Até 25/4, qui e sex (20h). Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

MORTE E VIDA SEVERINA

*Com direção de Luiz Fernando Lobo, direção musical de Itamar Assiere, cenografia de J.C. Serroni, luz de Cesar de Ramires, figurinos de Beth Filipecki e Renaldo Machado, direção de produção de Tuca Moraes e produção executiva de Dani Carvalho, o espetáculo reúne um coletivo de 24 atores e atrizes e quatro músicos em cena. Até 19/4, sáb, dom e seg (20h). Armazém da Utopia (Av. Rodrigues Alves, 299, Armazém 6, Gambôa). R\$ 60 e R\$ 30



Lady Tempestade

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Olivia Costa/Divulgação



Rafael Ruiz

SIDARTA

*Espetáculo livremente inspirado no livro homônimo de Hermann Hesse, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, que narra, de forma ficcional, uma viagem que o próprio autor realizou em sua juventude, abarcando temas de valor existencial. Até 27/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeirinha (R. S. João Batista, 104, Botafogo) R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

PALAVRAS

*Espetáculo com Tuca Moraes e direção de Luiz Fernando Lobo baseado na obra de Clarice Lispector. A atriz se deixa conduzir pelo pulsar de palavras, de frases, de memórias, de sentimentos, pensamentos, acumuladas uns sobre os outros. Até 25/4, qui (19h). Armazém da Utopia (Av. Rodrigues Alves, 299, Armazém 6, Gambôa). R\$ 50 e R\$ 25

A CABEÇA DE YORICK

*Brincando com os dilemas hamletianos da existência, o espetáculo do renomado grupo paulistano Parlapiões convida o público a revisitar suas escolhas e a encarar os desafios cotidianos, mas sem perder de vista a potência transformadora do riso. Até 20/4, qui a dom (20h30). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associados Sesc)

DO QUE SÃO FEITAS AS ESTRELAS

*Peça conta a história da astrônoma Cecilia Payne-Gaposchkin que descobriu do que são feitas as estrelas e que enfrentou o ambiente machista que dominava o universo acadêmico de sua época. Até 13/4, aos sáb e dom (16h). Sesc Tijuca (Teatro I): Rua Barão de Mesquita, 539. R\$ 20, R\$ 10 (meia), R\$ 5 (associado Sesc) e gratuito (PCG)



Morte e Vida Severina



Sidarta



Senhor Diretor

Thiago Gouvea/Divulgação

Divulgação

Alexia Maltner/Divulgação

SENHOR DIRETOR

✳Adaptação teatral do conto homônimo de Lygia Fagundes Telles. No monólogo, Analu Prestes interpreta a personagem Maria Emília, uma senhora paulistana de costumes conservadores que decide escrever à direção de um jornal que estampava uma manchete escandalosa. Até 23/4, ter e qua (20h). Teatro Poeira (R. S. João Batista, 104, Botafogo). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

VINTE!

✳A montagem revisita, em chave ficcional, os movimentos artísticos negros no Rio dos anos 1920 e aposta em uma experimentação cênica e sonora inspirada no choro, jazz e samba. Direção de Mauricio Lima e texto de Tainah Longras. Até 6/4, de qui a sáb (19h) e dom (18h). CCBB RJ I - Teatro III (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



A Menina e o Cubo



Mulheres Em Beatles

Vinicius Dratovski

FAZER O AR

✳A artista plástica mineira Iole de Freitas apresenta na cidade sua mais recente produção: 16 obras inéditas que exploram a interação existente entre volume e ar. Até 11/5, de ter a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48 - Centro). Grátis

ROTA DO CHÁ

✳Exposição conta a rica história do chá, desde a China milenar até os dias de hoje. Até ago/25, qui a ter (10h às 17h). Casa Pacheco Leão (Rua Jardim Botânico, 1008). Grátis

ÁGUAS DA AMAZÔNIA

✳A artista Ana Luiza Varella apresenta nesta individual obras que exploram o fenômeno do encontro das águas do rio e do oceano e seus mistérios. Até 30/5, seg a qui (13h às 19h) e sex (12h às 18h). Galeria de Arte IBEU (Rua Maria Angélica, 168 - Jardim Botânico). Grátis

ENTRE A TERRA E A ETERNIDADE

✳Coletiva reúne trabalhos de 10 artistas mulheres indígenas que evocam memórias coletivas, resistência cultural e os transformação que atravessam gerações de seus povos. Até 26/4, ter a sex (11h às 18h) e sáb (13h às 18h). Espaço Cultural Correios Niterói (Av. Visc. do Rio Branco, 481). Grátis

DANÇA

THE WALL - O LADO B DO MURO

✳A cidade é mote é espaço de investigação dos corpos que nela teimam em dançar. Sáb e dom (5 e 6), às 19h. Centro Cultural Espaço Tápias (Rua Armando Lombardi, 175- Barra da Tijuca). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

INFANTIL

A MENINA E O CUBO

✳Garota tem que lidar com o medo do desconhecido, a insegurança diante de perdas e a superação de limites pessoais. De 5 a 27/4, sáb e dom (16h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

A HORA DO CONTO

✳Contação de histórias a partir de “Chupim”, o primeiro livro infantil do premiado Itamar Vieira Jr. Sáb, dom e fer (14h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

EXPOSIÇÃO

CAPTURING THE FOREST

✳Kristina Veasey (Reino Unido) e Alejandro Ahmed (Brasil) refletem suas relações com a natureza, oferecendo com suas instalações uma jornada sensorial pelas florestas dos dois países. Até 6/4, sex a dom (11h às 20h). Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo). Grátis

ONÃ OMIN

✳Caio Truci propõe um diálogo entre passado e presente ao retratar em suas telas as figuras dos orixás do candomblé sob diferentes perspectivas, conectando a ancestralidade afrobrasileira ao mundo contemporâneo. Até 20/4, ter a dom (13h às 22h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema). Grátis

Alfajores para Truffaut

Documentário sobre o mítico diretor 'Os Incompreendidos' engaja o Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires em debate sobre o legado poético da Nouvelle Vague

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã



Tem França por todo lado da capital argentina, incluindo o esperado “Les Barbares”, da atriz Julie Delpy, e a animação “Slocum et Moi”, de Jean-François Laguionie, na programação do 26º Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires, conhecido e celebrado apenas como Bafici. O volume de produção mastodôntico dos franceses e o barulho gerado por títulos recentes da pátria presidida por Emmanuel Macron – vide “Anatomia de uma Queda” e “Emilia Pérez” – justificam a presença do país que inventou a cultura cinematográfica (em 1895, com a obra dos irmãos Lumière) na maratona que rastreia novos veios estéticos e faróis de linguagem para a telona (e as telinhas de streaming). Nada mais natural, portanto, do que uma evocação à obra (e à vida apaixonada) de François Truffaut (1932-1984) nesse contexto de culto à vertente revolucionária (e poética) da imagem em movimento.

Sinônimo fílmico de lirismo, o ganhador do Oscar por “A Noite Americana” (1973) vai perfumar o Cine Teatro Alvear de saudade neste domingo na projeção do documentário “Le Scénario De Ma Vie”, de David Teboul. A sessão engata ao Bafici ao circuito de eventos que lamentam os 40 anos da morte do diretor e batem cabeça para seu legado.

Lançada mundialmente em Cannes, em maio de 2024, essa produção dirigida por David Teboul se baseia em imagens de arquivo (algumas conhecidas, outras não), em entrevistas pouco citadas de Truffaut, na sua correspondência com o pai (adotivo) e, sobretudo, num relato autobiográfico iniciado alguns meses antes da sua batalha final contra o tumor no cérebro que o matou.

Segundo a pesquisa do documentarista, o cotidiano criativo de Truffaut tinha o ritmo de um trem de altíssima velocidade, embalada em sucessos como “A Mulher do Lado” (1981). Ele tinha apenas 52 anos quando a palavra O Fim surgiu em seu caminho. Alguns meses antes de morrer, o cineasta tinha começado a partilhar a história da sua juventude com um velho amigo, Claude de Givray, mergulhando profundamente na sua história familiar, a fim de fazer um livro com suas recordações. Seu tempo de tela (e na Terra) acabou por escassear e FT não conseguiu terminar sua autobiografia, que pretendia chamar de “O Roteiro da Minha Vida”. O que Teboul faz, a partir de registros epistolares, é revelar o que seria essa derradeira narrativa truffautiana. Sua investigação arranca lágrimas de cinéfilos.

Comove sobretudo aquelas e aqueles que se irritaram com o americano Quentin Tarantino quando o gênio por trás de “Pulp Fiction” (1994) acusou Truffaut de ser superestimado e de ter criado uma narrativa quase amadora em sua incursão pelos códigos do filme policial, como “A Noiva Estava de Preto” (1968). Já Steve Spielberg teve uma atitude oposta ao falar dele quando recebeu o Urso de Ouro Honorário, na Berlinale 73, em 2023. “Estive com Truffaut nos sets de ‘Contatos Imediatos do Terceiro Grau’ e eu queria aproveitar a chance de estar a seu lado, para aprender, quando toquei na ideia



‘O Roteiro da Minha Vida’ resgata momentos de François Truffaut

do que viria a ser ‘E.T.’. Como ele havia feito, fazia pouco, ‘Na Idade da Inocência’, com elenco juvenil e infantil, Truffaut me disse que eu deveria me arriscar a ter uma criança como protagonista. A força da infância, com um ser do espaço, contagiaria as plateias. Como ele estava certo nesse conselho! Como eu devo a ele!”, exclamou Spielberg, que faz parte do coro gigantesco de fãs do realizador que, em 1959, fez de “Os Incompreendidos” um marco de reinvenção das formas de olhar e um fenômeno de bilheteria, com quatro milhões de ingressos vendidos só na França, onde ganhou a láurea de Melhor Direção na competição de Cannes.

É lá mesmo, em seu país de berço, que o mercado editorial se agita em torno da efeméride de sua partida. Uma das agitações é o lançamento do livro “Lettre Ouverte à François Truffaut”, de Eric Neuhoff. É uma coletânea de artigos, em forma de cartas, nos quais o autor louva a relevância do cineasta a construção de narrativas amorosas.

Em bancas em quiosques de Paris, a “Cahiers du Cinéma”, a mais prestigiada revista focada no pensamento audiovisual de todo o planeta, oferta um mimo para seus leitores – atraindo também novos públicos – de flerte com a obra de Truffaut: um dossiê com curiosidades, resenhas analíticas e textos do mítico realizador.

“Eu me sinto parte desse grupo de ci-

neastas para quem o cinema é um prolongamento da juventude, como se fôssemos crianças que reconstruíram o mundo com os brinquedos e, na idade adulta, continuam brincando com os filmes”, escreveu Truffaut em de seus ensaios memorialísticos sobre uma obra cheia de êxitos, como “Jules e Jim – Uma Mulher Para Dois” (1962), “Um Só Pecado” (1964) e “Domicílio Conjugal” (1970).

Laureado com 31 prêmios numa carreira que vai de 1955 a 1983, coroada com três indicações ao Oscar e muitos sucessos de bilheteria, Truffaut mudou a forma de se fazer e de se ver filmes a partir de um projeto estético de hemodiálise da imagem. Virou um porta-voz da Nouvelle Vague, uma linha de produção de filmes pautada no engajamento das narrativas audiovisuais com as fraturas éticas e emotivas do mundo a seu redor, modificando os dispositivos de construção do discurso cinematográfico de modo a fugir do engessamento, do classicismo.

Na busca por uma França que se desagarrasse das opressões morais e das preguiças intelectuais, Truffaut assumiu a infância (“O garoto selvagem”), o feminino (“A mulher do lado”) e o próprio ofício de cineasta (“A noite americana”) como seus temas mais essenciais, passeando por gêneros diferentes, em prol da renovação da cinefilia.

Crônicas ucranianas

Crescido em Kiev, o cineasta Sergei Loznitsa, do premiado 'Na Neblina', registra bastidores da Guerra da Ucrânia no longa 'A Invasão', um dos concorrentes do festival É Tudo Verdade

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sintonizado com as pautas mais urgentes da contemporaneidade, o É Tudo Verdade sempre dá um jeito de encaixar cartografias de conflitos armados em sua programação, o que abre espaço para a Ucrânia em sua 30ª edição (em circuito até o dia 13), pelas lentes de um investigador de feridas eslavas históricas: Sergei Loznitsa. Nesta sexta, às 18h, o Estação NET Rio projeta o novo longa-metragem do aclamado realizador de "Uma Criatura Gentil" (2017) e "Donbass" (prêmio Un Certain Regard de Melhor Direção em Cannes em 2018) na competição oficial da maratona documental brasileira: "A Invasão" ("The Invasion"). Bielorrusso de nascença (egresso de uma cidade chamada Baranavichy, quando o país vivia sob o jugo da União Soviética), mas criado em Kiev, o cineasta de 60 anos faz uma espécie de crônica da vida ucraniana em

tempos de violência, numa fricção contrária a política de ódio de Vladimir Putin.

"Se você analisa o Tempo em relação à dramaturgia desse meu filme mais recente, no qual partimos de fatos reais, a relação e a percepção física do que é cronológico passa por uma linha testemunhal, de vivência de uma História em transformação, na luta pela sobrevivência de um povo", disse Loznitsa ao Correio da Manhã em entrevistas em Cannes (onde "A Invasão" concorreu ao troféu L'Oeil d'Or), e em Marrakech, onde palestrou. "Faço cinema para combater clichês, entre eles o da soberania e o da redenção. No discurso cinematográfico, não existe tempo como matéria palpável, e nem só como abstração: o que chamamos em vias práticas, na direção, de tempo é uma ilusão que não se remete apenas ao passado, mas sim a toda a percepção das instâncias que nos cercam, entre elas as instâncias do Poder. Nem presente e nem futuro são bens materiais, como o cinema comercial menos reflexivo faz parecer ser. Tudo é ilusão



Divulgação

de uma projeção de pertencimento. A lucidez de um cineasta é saber identificar as estratégias de criação de controle que estão por trás desse pensamento ilusório, de consolidação de verdades".

Loznitsa vem da Matemática. Estudava Cálculo, Geometria, Trigonometria, PAs e PGs no momento em que a URSS acabou e decidiu aportar seu olhar de algebrista para o audiovisual no fim dos anos 1990, quando começou a rodar seus primeiros curtas. Estabeleceu a partir de 2000 uma verve documental autoralíssima (sobretudo em seu uso de imagens de arquivo), marcada por estudos sobre a paisagem e a população russa, com filmes como "Vida, Outono" (1998), "Estação de trem" (2000), "Retrato" (2002) e o monumental "State Funeral" (2018).

"O que me interessa no discurso do documentário não é julgar o que uma pessoa, um território ou uma instituição fizeram e sim o que uma determinada mirada publicitária sobre feitos e sobre fatos pode gerar. Eu filmo para abrir dicotomias", explicou o cineasta em papo com o Correio da Manhã no Marrocos, em 2019.

De lá para cá, em meio à pandemia, ele ficou mais no registro da não ficção, embora

tenha em seu currículo dramas e épicos, entre eles "Na Neblina", com o qual ganhou o Prêmio da Crítica de Cannes, em 2012, ao rever a II Guerra. "Em enredos ficcionais, eu encontro o momento em que História vira ilusão", disse o cineasta, popularizado entre os brasileiros pelo empenho de um amigo (e entusiasta), o diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho ("Bacurau"). "Ele abriu espaço para mim em seu festival, o Janela no Recife".

Espaço igualmente potente vem do É Tudo Verdade, que aloca "A Invasão" na disputa pelo prêmio do certame internacional. Filmado num período de dois anos, o longa retrata o dia a dia da população civil da Ucrânia, numa peleja contra a barbárie. No domingo, a produção terá sessão em São Paulo, às 21h30, na Cinemateca Brasileira. No dia 12, haverá mais uma sessão do filme, no Instituto Moreira Salles (IMS) da Avenida Paulista, às 20h30.

"Cada registro que levo às telas tenta refletir sobre o mundo à minha volta, a partir de um processo de criação livre, que parte do meu laptop e da minha curiosidade", diz Loznitsa. "A retórica é um efeito político. É necessário desafiá-la".



Divulgação

À luz das estéticas do realizador Sergey Loznitsa (no alto), 'A Invasão' documenta a resistência da Ucrânia contra a invasão russa

CRÍTICA / FILMES / SEX E LOVE

Por **Pedro Strazza** (Folhaspress)

Em que pé estão as relações humanas no século 21? A questão, simples, se desdobra de forma surpreendente nos filmes “Sex” e “Love”, que tratam de situações contraditórias de vidas pacatas em Oslo, na Noruega. Ambos são do norueguês Dag Johan Haugerud e integram uma trilogia que vem circulando nos festivais de cinema ao longo do último ano. O projeto, “Sex, Dreams and Love”, ganhou os holofotes de vez agora que o terceiro capítulo, “Drommer” -sonhos, em português -, levou o Urso de Ouro de Berlim.

Além do cenário, o único ponto em comum entre os filmes é a estrutura, que sobrepõe duas histórias entre pessoas mais ou menos próximas. A lógica de díptico ajuda o diretor a montar um bate e rebate entre as tramas, que mergulham os protagonistas em turbilhões emocionais inusitados. Os longas constroem ritmos próprios na dúvida daquelas pessoas, que se veem impelidas a uma exploração de suas próprias identidades.

“Sex” é o mais engraçado da dupla que chega agora aos cinemas brasileiros, apesar de contar a sua história com maior rigor estético. O longa gira em torno de dois limpadores de chaminé que certo dia compartilham entre si segredos que abalam as suas respectivas heterossexualidades - e, por consequência, as suas famílias para lá de tradicionais.

Os casos tem um quê bizarro que já desperta gargalhadas no público durante a revelação. Começa com um dos limpadores admitindo ao outro que sonhou com uma figura divina, com rosto parecido com o do cantor David Bowie, e que se sentiu desejado como uma mulher por ela.

Enquanto o cara já se mostra um tanto perturbado pelo que viu no sono, o outro piora a conversa ao revelar que transou com outro homem, morador de uma das casas em que trabalhou. Mas o mais estranho é que ele defende a tese de que continua hétero, porque seu desejo foi



Divulgação

Em ‘Love’, os arcos dos protagonistas repassam os pontos óbvios das relações contemporâneas

Panoramas confusos e intrigantes das relações do século 21



Divulgação

‘Sex’ gira em torno de dois limpadores de chaminé que certo dia compartilham entre si segredos que abalam as suas respectivas heterossexualidades

apenas pontual, coisa da carne.

A situação então vira uma comédia rasgada, sobretudo na reação

chocada do primeiro com a pulada de cerca do amigo e a recusa deste último em cogitar outra orientação

sexual. O sonhador, em si, também não está longe na negação; ele confina o seu sonho com Bowie à alucinação, mas o encontro onírico insiste em se repetir no seu sono.

Toda a cena da discussão, que acontece no intervalo de um dos turnos da dupla, fascina ainda pela calma com a qual Haugerud conduz a câmera. Ele constrói o momento em longas tomadas sobre os rostos dos atores, o que aumenta a sensação de hipnose da narração de suas histórias.

Disso, o filme desenrola uma espiral da incerteza sobre esses homens diante de suas próprias figuras, mesmo que a inquisição inte-

rior seja travada pela insistência em fingir uma suposta normalidade. O da traição logo confessa o caso à esposa para garantir que a situação foi um incidente isolado, por exemplo, mas a mulher fica tão confusa quanto o seu amigo.

O humor seco explode a equação de “Sex” para todos os lados na história, e Haugerud é muito esperto em se divertir com o bizarro. Perto do fim do filme, ele converte uma cena de consulta médica em um desvio completo da trama, embalado por uma doutora toda biruta e um conto estranho envolvendo um de seus pacientes.

Se o sexo é um convite de Haugerud à comédia, o amor em “Love” tem um quê de melodramático. As tramas do filme giram em torno de uma médica oncologista e de um enfermeiro, que vivem rotinas íntimas opostas.

Ela, uma mulher heterossexual, sempre gostou de relacionamentos estáveis; ele, um homem gay, tem o dia a dia marcado por casos de uma noite só. Mas depois dos dois conversarem uma noite, durante uma viagem de balsa, o cenário se inverte. A doutora decide se aventurar por relações mais casuais, enquanto o enfermeiro se envolve com um cara de uma forma que passa longe do sexo.

O jeito como Haugerud amarra as duas histórias e o próprio ponto das tramas torna “Love” em um filme um tanto mais enfadonho que “Sex”. Os arcos dos protagonistas repassam os pontos óbvios das relações contemporâneas - os tais amores líquidos do filósofo Zygmunt Bauman - e o sentimentalismo e a encenação se confundem na pobreza. Nos piores momentos, lembra o estereótipo do drama escandinavo, povoado por personagens de um país com IDH alto e rotina banal demais.

Ao espectador, é mais interessante pensar “Love” como uma continuidade das provocações mais instigantes de “Sex”. Enquanto os sonhos de “Drommer” não chegam, a dupla forma um panorama confuso e intrigante, em uma boa definição do mundo em que vivemos.

Vem
viver
mais.

Vem
viver
© sesc RJ

A maior marca de bem-estar
social do Rio de Janeiro.

Sempre buscando promover
o desenvolvimento social e a qualidade
de vida, o Sesc RJ oferece atividades
e serviços para você viver experiências
inesquecíveis com mais diversão, cultura,
esporte, cidadania, educação e saúde.

+experiências
+cidadania
+diversão
+cultura
+educação
+saúde
+sabor
+inclusão
+diversidade

TEM SABER +



sescrj.org.br

portalsescrj

sescrj

sescrj

sesc

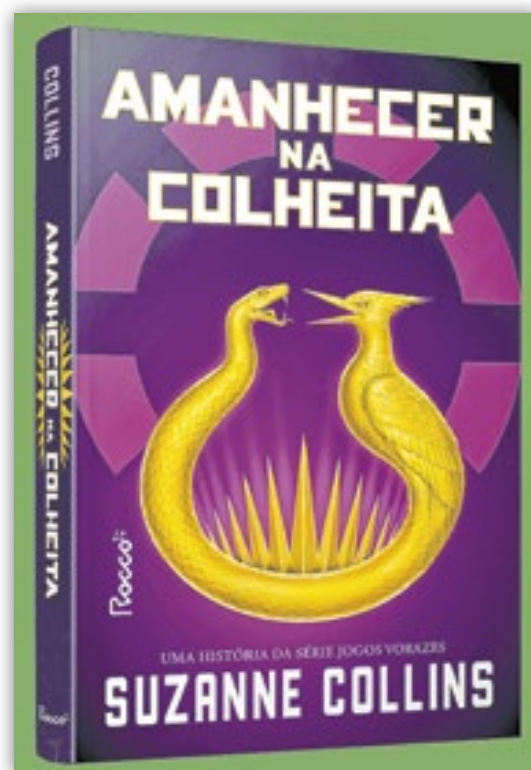
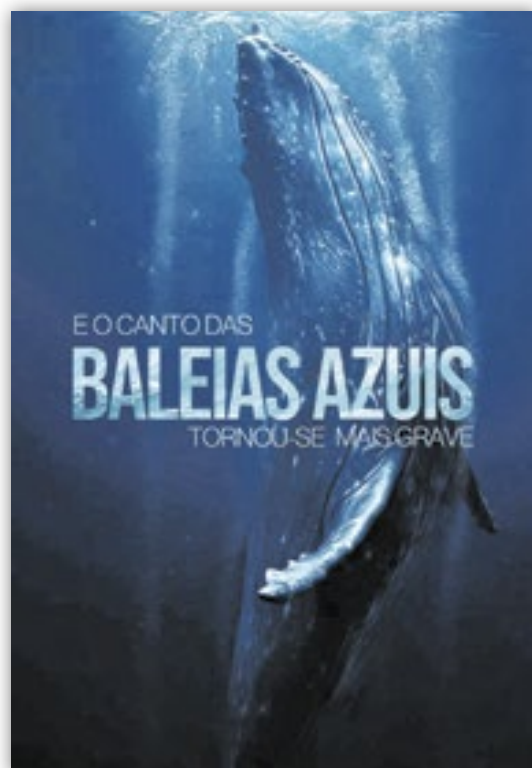
Antes de subir aos palcos

Por Olga de Mello
Especial para o Correio da Manhã

Na era do conhecimento, ainda parece difícil para muitos acreditar nas mazelas pelas quais passa a Terra, poluída e desgastada com a ocupação humana. Cada vez mais recorrente, esse tema chega à ficção em duas peças teatrais lançadas em livro antes de tomarem os palcos. O desastre aéreo que determinou o fim dos voos do Concorde, em 2000, é o pano de fundo de “Meio do Céu” (Assírio & Alvim, R\$ 85), de Ubiratan Muarrek, que propõe uma discussão entre o Brasil arcaico e o moderno numa Londres caótica. Em “E o canto das baleias azuis tornou-se mais grave” (Lema, R\$ 40), de Michel Provost, traz um casal enfrentando os silêncios que compõem um casamento de quinze anos.

A peça de Muarrek apresenta um grupo de brasileiros vindos de Recife, que se encontram na capital inglesa, expondo todas as referências do país de origem. O não-pertencimento à cidade onde se radicaram permite que eles analisem os abismos culturais existentes entre os próprios expatriados, refletindo o racismo e as diferenças sociais num lugar onde as diferenças deveriam ser esquecidas. Já Michel Provost busca nas observações em cena de um engenheiro acústico e de uma designer redimir as dificuldades de compreensão de linguagem de um casal em crise. Resgatar a conexão perdida, reconhecendo a inevitabilidade da mudança, eles têm nas diferentes frequências sonoras das baleias uma metáfora para a falta de comunicação entre pessoas que se afastam depois de acumularem histórias e conquistas mútuas.

A coleção best-seller Jogos Vorazes também arrebatou leitores antes se tornar uma sequência



Divulgação

de filmes de altíssima bilheteria mundo afora, o que certamente ampliou as vendas da saga de jovens selecionados para participar de um reality show de lutas até a morte. Depois de vender mais de 85 milhões de cópias no mundo todo, chegou às livrarias o quinto volume das aventuras em Panem, “Amanhecer na Colheita” (Rocco, R\$ 79,90), de Suzanne Collins. Na primeira semana de lançamento, em março, foram vendidos mais de 1,5 milhão de exemplares – sendo 1,2 milhão de exemplares apenas nos Estados Unidos. Os admiradores da série já aguardam outro filme baseado no último livro, que lidera as vendas no Brasil há três semanas.

Há 50 anos, um personagem maior do que sua história, o esboço Tom Ripley, surgia no primeiro de cinco livros da americana Patricia Highsmith. Para comemorar o cinquentenário, a série, iniciada por “O Talentoso Ripley” ganhou nova edição da Intrínseca, com cada volume a R\$ 59,90. Vivido no cinema por Alain Delon, Dennis Hopper, John Malkovich, Barry Pepper e Andrew Scott, o anti-herói sem o menor caráter fascina leitores por sua perspicácia e frieza, uma característica das criações de Highsmith, que conquistou seu posto no panteão dos maiores escritores de thrillers ao abordar a culpa dos criminosos – algo desconhecido para Ripley, sociopata astuto, que só quer viver bem às custas dos outros. Seria bom se alguma editora se animasse a relançar o primeiro sucesso de Patricia Highsmith, “Pacto Sinistro”, que há mais de quarenta anos não vai para o prelo no Brasil. A história sobre um estranho acerto entre dois viajantes no mesmo trem despertou a atenção de Alfred Hitchcock, que fez a adaptação para o cinema, e merece uma nova edição.

Tomás Rangel/Divulgação



CHEZ CLAUDE

Tomás Rangel/Divulgação



CANTINA DA PRAÇA

Divulgação



CAFÉ CARDIN

‘Que massa’ de história!

Veja um roteiro de espaguete à carbonara e suas variações nos restaurantes cariocas

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

A carbonara é um prato clássico da culinária italiana, originário de Roma, e feito tradicionalmente com espaguete, ovos, queijo pecorino romano, pancetta e pimenta-do-reino. Apesar de sua receita original ser bastante simples, diversas variações surgiram pelas mãos dos chefs cariocas. Algumas versões incluem creme de leite para uma textura mais cremosa, enquanto outras substituem a pancetta por bacon. Há também criações com diferentes tipos de massa, frutos do mar e até paleta de cordeiro. O prato é tão amado, que tem um dia só dele! Neste dia 6 (domingo) é comemorado o Dia da Carbonara. Pensando nisso o Correio da Manhã preparou um roteiro com seis receitas diferentes para você escolher a sua favorita:

BABBO OSTERIA - No italiano, comandado pelo chef Elia Schramm, a versão do chef do carbonara é o Uova Pepenara (R\$ 77). Uma massa tagliatelli no molho cremoso de bacon, vinho branco e pimenta do reino, servido com ovo mollet. Rua Barão da Torre, 632 – Ipanema.

CANTINA DA PRAÇA - Entre as massas frescas do restaurante italiano, está o clássico prato italiano, a Carbonara (R\$ 62). Ela é servida de forma generosa com pasta de grano duro com molho à base de ovos, bacon, queijo e pimenta preta. Rua Jangadeiros, 28 – Ipanema. Tel: (21) 3258-9540.

ESCAMA – Uma das novidades do cardápio da casa de peixe e frutos do mar é a releitura da tradicional carbonara. O Carbomare (R\$ 98) leva lula, camarão e bacon finalizado com bottarga. Rua Visconde de Carandaí, 5 – Jardim Botânico. Tel: (21) 99753-6126.

CAFÉ CARDIN – Entre os pratos principais da casa está o Linguine à Carbonara (R\$ 48). Ele leva bacon, alho e molho de queijo. Rua Constante Ramos, 44 - Copacabana. Tel/delivery: (21) 96703-5262.

CHEZ CLAUDE – No restaurante do chef Claude Troisgros, no Leblon, é possível encontrar no menu da casa uma releitura da clássica carbonara. Na receita do chef ele é preparado com paleta de cordeiro assada, mostarda dijon e ervilhas (R\$ 145 - serve até 2 pessoas). Rua Conde de Bernadotte, 26. Tel: (21) 96629-5342.

PATO COM LARANJA - A sugestão da chef Andrea Tinoco é o Carbonara de camarão (R\$ 130), uma releitura do tradicional prato, feito com espaguete nero, bisque e páprica defumada. Rua Dias Ferreira, 410 – Leblon. Tel: (21) 96777-0022.

Rodrigo Azevedo/Divulgação



BABBO OSTERIA

Tomás Rangel/Divulgação



ESCAMA

Pedro Lacerda/Divulgação



PATO COM LARANJA

Todas as mulheres de Chico

Como o poema de Vinícius de Moraes, “Receita de Mulher” – aquele em que apregoa ser a “beleza fundamental” em detrimento “às muito feias” – e que me perdoe Vininha, mas isso foi um tanto quanto machista, repito mais uma vez: não existe o feio e bonito como forma física. Também não existe o lugar comum de “quem ama o feio, bonito lhe parece”. Afinal o que é a beleza? Basta um sutil sorriso, um olhar encantador que se torna avassalador, uma palavra, muitas vezes uma única e relevante palavra doce e inteligente na hora certa – que fique claro; na hora certa, que não será jamais a ‘hora H’.

A beleza é intrínseca, é sutil, muitas vezes exótica e quase sempre avassaladora. A beleza está nos olhos, no que captam os olhos. É o conjunto da obra, ímpar em singularidade, plural em consequência.

Chico nos dá uma fórmula composta em verso e canto, sublime em sua personificação, assim como se fosse uma poção mágica, com ingredientes muito especiais, para construção da mulher. Não uma receita, mas sutis detalhes que compõem essa obra-prima que nos deixam à flor da pele, será que será!

São Ritas, Carolinas, Genis, Beatrizas, Anas, Joanas, Rosas, Iolandas, Marias e Marietas, Cecílias, Cristinas, Helenas, Teresas, Bárbaras, e como são bárbaras, Luíças, Angélicas e tantas outras das índias, do oriente, do ocidente, francesas, de Amsterdã, de Angola, havana, de além-mar amar, do Rio, São Paulo, acolá, cidade submersa, estranhas civilizações.

São fortes, são frágeis, mas, acima de tudo, são lindas! Mulheres de Athenas. Lindas sirenas, morenas, que se perfumam, se banham com leite, se arrumam em suas melenas. Mulheres! Querem ver o astronauta descer na televisão. Moças decididas sempre a se supermodernizar.

Roubam sentidos, violam ouvidos com tantos segredos lindos e indecentes. Lindas, absolutamente lindas! Musas obtusas, musas do fado, mães gentis por todo ano, não só por um abril. Que nos deixam, no fundo, sentimentais e com uma boa dosagem de lirismo em



rendas do Alentejo. Tanto mar amar com cheirinho de alecrim. Que fazem o coração fechar os olhos e sinceramente choram e redimem, são mais, muito mais, são poços de bondade de açúcar e afeto.

Outro ingrediente fundamental da mulher de Chico é o seu amor e um jeito manso que é só delas. Somos testemunhas oculares do bem que elas nos fazem, ali, sempre embevecidos, enaltecendo os predicados e predicativos da perfeição sublime, dizem, saídas de nossas costelas. Ó bem-amadas costelas, ó bem-amados ventres que nos aquecem por nove longos meses, nos protegem e nos abrigam. Ó amados acalantos, que nos ninam e embalam nossos sonos e sonhos, que alardeiam que ali está bem mais que uma simples criança, que nos ensinam a andar sem os pés no chão.

Mulheres, que ao conhecer, sonhamos, fazemos tantos desvarios, rompemos com o mundo, queimamos nossos navios em travessuras de noites eternas, que damos nossos olhos para tomarem conta e, num profundo despertar, explodimos em alegria dum “eu te amo!” sem termos a mínima noção da hora, querendo, absolutamente, que o mundo pare naquele instante para que se torne a eternidade, pois, para sempre é sempre por um triz e quem dera ‘amarar’ esse amor por quase um mês. De paletós que enlaçam vestidos, de seios que repousam suavemente sob nossas mãos.

A beleza que dança no sétimo céu, estrelas, divinas, atrizes, como somos felizes de estar em suas vidas, ah, se pudéssemos entrar em suas vidas, em um canto, ali, guardadinho junto ao peito, mais para a esquerda, onde pulsa a sensibilidade. A formosura dos poetas mais delirantes, que não têm tamanho nas juras dos profetas embriagados, porque todos os sinos irão repicar tanta harmonia que há de aplacar pobres corações inebriados de amor.

Que eu seja o terceiro a chegar sem nada levar, sem nada dizer, apenas te chamando de mulher... e agora que cheguei, eu quero a recompensa, eu quero a prenda imensa dos carinhos teus, e o dia nascerá em paz!

“Escola” de samba

Aruc promove oficinas de capacitação para o carnaval em várias áreas

Por Mayariane Castro

A Associação Recreativa e Cultural do Cruzeiro (Aruc), a mais conhecida escola de samba do Distrito Federal, anunciou a abertura de inscrições para oficinas de capacitação voltadas para o carnaval de Brasília. As atividades, com início em abril, têm como objetivo formar e qualificar cidadãos locais para a produção de diversos elementos essenciais para o espetáculo carnavalesco. O projeto, que abrange diferentes áreas artísticas, busca resgatar as tradições do carnaval no Distrito Federal e proporcionar aprendizado e inclusão social.

O projeto “Oficinas de Capacitação Carnavalesca”, desenvolvido pela Aruc, visa a promoção de workshops gratuitos nas áreas de música,

dança, confecção de fantasias e outros aspectos importantes para a realização do carnaval. As oficinas acontecem na sede da escola, localizada no Cruzeiro Velho, e têm uma duração de quatro meses, com término previsto para julho.

A iniciativa busca qualificar os participantes e incentivá-los a produzir adereços, fantasias, alegorias e desenvolver habilidades em áreas como as modalidades de bateria, passistas, mestre-sala e porta-bandeira e adereços e fantasias, do nível básico iniciante ao nível avançado.

Além das oficinas, a Aruc promoverá um workshop de encerramento do projeto no início de julho. Durante o evento, serão realizadas palestras sobre o tema “Carnaval”, com a participação de especialistas.

Lazer, cultura e economia criativa

Projeto visa inserir o carnaval nas atividades produtivas do DF

O projeto de capacitação da Aruc tem como foco a revitalização do carnaval do Distrito Federal, com ênfase em três principais áreas: inclusão social, resgate cultural e geração de renda. As oficinas estão abertas para pessoas de todas as idades e origens, com o intuito de fortalecer os laços comunitários e garantir a participação de diversos grupos sociais na produção e vivência do carnaval.

As oficinas buscam valorizar as tradições carnavalescas do

DF, incentivando o aprendizado de práticas artísticas como a confecção de fantasias, a música e a dança, além de manter viva a memória cultural do carnaval no contexto local.

O projeto também visa incentivar a produção e comercialização de fantasias e adereços, proporcionando aos participantes uma formação técnica que pode ser aplicada no mercado de trabalho, além de abrir portas para o empreendedorismo.

O trabalho da Aruc, que já se



Sem os desfiles oficiais, Aruc tenta reinventar carnaval de Brasília



Robson Silva: lazer e cultura, mas também empregos

consolidou como um dos maiores símbolos da cultura popular do DF, busca também o fortalecimento da economia criativa, promovendo a geração de empregos e a oferta de lazer para a comunidade, conforme explica Robson Silva, presidente da escola de samba. O samba produz lazer, produz cultura, mas tam-

bém gera empregos e incentiva a economia.

Legado no DF

Fundada em 1961, a Aruc é uma das instituições mais importantes do carnaval do Distrito Federal. Reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da cidade, a associação é detentora de 31

títulos de campeã do carnaval no grupo especial e é considerada uma das principais responsáveis pela preservação das tradições carnavalescas no DF.

A Aruc foi pioneira na organização do carnaval de rua e, além dos desfiles, mantém atividades permanentes, como rodas de samba e projetos educacionais. Entre os nomes que já passaram pela sua sede estão grandes ícones do samba, como Jamelão, Mário Lago, Clementina de Jesus, Fundo de Quintal e Paulinho da Viola.

Apesar da interrupção nos desfiles oficiais, a Aruc e outras escolas de samba do DF continuam com atividades carnavalescas em suas sedes, como ensaios e eventos, buscando manter viva a cultura do carnaval na cidade. A associação tem trabalhado para a criação de uma “Escola de Carnaval” e a implementação de políticas públicas que incentivem a realização regular dos desfiles a partir de 2026.

TEATRO

Frimes e Desirée Beck no DF

✱A segunda edição do Comédia Drag apresenta as artistas Frimes e Desirée Beck, no Museu Nacional da República, no domingo (6), às 19h. Criado para ser um palco para o humor feito por drag queens no Distrito Federal, o projeto teve a sua primeira edição em fevereiro, com shows das comediantes Valenttini e Victor Baliane. Para a sessão de abril, o Comédia Drag traz duas atrações de fora de Brasília. Frimes e Desirée Beck são destaques no humor, participaram do programa Caravana das Drags (Prime Vídeo) e integram o elenco do espetáculo Gongada Drag, que roda o país com shows de humor. Acontece no Museu Nacional da República, com entrada gratuita, com retirada de ingressos.

“Peter Pan”

✱A Trupe Trabalhe Essa Ideia apresenta a peça Peter Pan, uma contação de história bilíngue (português e inglês) adaptada do clássico conto de fadas, que narra as aventuras do jovem que se recusa a crescer e vive em um mundo repleto de sonhos e desafios. A montagem integra o projeto Teatro de Bolso, da Trupe. Acontece no Teatro Brasília Shopping nos dias 5, 12, 19 e 26, sempre às 11h. Classificação indicativa: livre para todos os públicos.

Amazônia em Movimento

✱O Centro Cultural Banco do Brasil Brasília apresenta, de 09 a 13/04, 16 a 20/04 e de 23 a 27/04, a temporada de “Amazônia em Movimento”, do Corpo de Dança do Amazonas (CDA), sob direção artística de Mário Nascimento. A programação conta com seis espetáculos que celebram os 26 anos de história da companhia, uma referência na dança contemporânea brasileira, homenageando os povos originários e destacando a força e a energia da região Norte do país. As apresentações acontecem no Teatro, e os ingressos custam R\$30 (inteira) e R\$15 (meia-entrada), disponíveis em breve.

“O Pequeno Príncipe”

✱O clássico “O Pequeno Príncipe” recebe nova montagem da Cia Voar Teatro de Bonecos, desta vez utilizando a técnica do teatro de sombras. A estreia do espetáculo será no domingo (6), às 17h e 19h, no Espaço Voar (SMA Conjun-



Frimes e Desireé Beck são atrações da segunda edição do Comédia Drag

Um DF de opções de lazer

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Telmo Ximenes



Teatro de graça para a meninada: “Peter Pan”

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

FESTIVAL

Festival Paraísos Tropicais

✱Nos dias 12 e 13 de abril, Brasília recebe a segunda edição do Festival Paraísos Tropicais, evento multicultural que transforma a cidade em um grande palco de celebração da arte, da diversidade e das mitologias. Com uma programação que atravessa múltiplas linguagens artísticas, o festival propõe um mergulho sensorial

to K loja 5 PróDF -perto do Detran). No mesmo dia e local, também às 17h, será aberta uma exposição de com fotos e bonecos retratando a trajetória da Cia Voar. Tudo aberto e gratuito, com censura indicativa livre para todos os públicos, com audiodescrição e tradução em Libras para o espetáculo.



Sarau-Vá vai levar música para Ceilândia Norte
Michel Dantas



Espetáculo “Amazônia em Movimento”
Divulgação



Festival Paraísos Tropicais

entre o real e o imaginário, onde a música, a performance e as artes cênicas se entrelaçam em experiências surpreendentes. Acontece na Galeria dos Estados. Ingressos Gratuitos no Sympla.

Brasília Photo Show

*O Brasília Photo Show (BPS), maior festival de fotografia da América Latina, lança a Comunidade BPS, um ecossistema digital que une portfólio, rede social e ferramentas para criação e gestão de conteúdos. A plataforma abrange diversas expressões artísticas voltado para exposições imersivas. Os interessados podem acessar a comunidade através do site: comunidadebps.com.br.

Arraiá de Águas Claras

*Uma das épocas mais esperadas do

ano está chegando, as festas juninas. O primeiro arraiaí do Distrito Federal já tem data marcada, o tradicional Arraiá de Águas Claras acontece nos dias 23 e 24 de maio, garantindo o pontapé inicial da temporada de festas juninas na capital. O evento atualmente será realizado no estacionamento da Faculdade Uniplan.

SHOW

Convoca chega à sua 5ª edição

*O Convoca está de volta! Em sua 5ª edição, o festival, já consolidado como uma das principais plataformas para a música autoral do Distrito Federal, ganha um novo endereço: o Recanto das Emas. Perto da Administração Regional e do skatepark, o evento acontece em 31



A exposição reúne mais de 60 obras



O Pequeno Príncipe - Teatro de Sombras no Gama

de maio e segue sua tradição de reunir bandas locais, artes visuais e cinema, fortalecendo a cena cultural da cidade.

SARAU-VÁ

*A edição de abril do Sarau-Vá está chegando. O evento reafirma a proposta de valorização da cultura periférica, reunindo música, poesia e manifestações artísticas em um espaço de troca e fortalecimento da cena cultural do Distrito Federal. O encontro é no domingo (6), na Casa Akotirene, em Ceilândia Norte. A programação do evento – realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF) – contará com apresentações do Caramelo Jazz Clube, além da presença do DJ Thiago Raiz. A noite também será marcada por um momento de poesia. Acontece na Casa Akotirene - QNN 23, Conjunto J, Casa 25 - Ceilândia Norte / Horário: Das 16h às 21h30.

EXPOSIÇÃO

Brasília: 65 voltas ao redor do Sol

*Em Brasília, o sol nasce com compromisso. São 365 dias por ano iluminando espaços amplos, linhas modernas e horizontes abertos. E é justamente essa luz — abundante, dourada, simbólica — que guia a exposição Brasília: 65 voltas ao redor do Sol, uma homenagem aos 65 anos da Capital Federal, em cartaz de 14 a 30 de abril, no Liberty Mall. A mostra reúne mais de 60 fotografias que retratam a arquitetura monumental, os espaços públicos e a beleza cotidiana da cidade sob diferentes ângulos do sol brasileiro.

Instalação DE VER Cidade

*No mês em que Brasília completa 65 anos, a Biblioteca Nacional de Brasília recebe, de 14 de abril a 11 de maio, a instalação DE VER CIDADE – Brasília Numa Caixa de Brincar – edição monumental, uma realização do coletivo Entrevazios. A exposição proporciona ao público uma imersão lúdica e interativa nas singularidades arquitetônicas e urbanísticas da cidade. O projeto conta com o apoio do Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. A exposição acontece na Biblioteca Nacional de Brasília - Conjunto Cultural da República e estará aberta de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h, e aos sábados e domingos, das 9h às 14h.

Os “sons” do silêncio

TV no YouTube tem programação exclusivamente voltada para a comunidade surda

Por Mayariane Castro

A TV Apada é um novo projeto audiovisual que visa dar visibilidade à comunidade surda atuante no Distrito Federal, com conteúdo online acessível e gratuito.

Disponível no YouTube e em um site próprio. A programação traz entrevistas, debates, curtas-metragens e outros materiais produzidos na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Com a proposta de promover a inclusão e a acessibilidade, o canal conta com legendas em português, closed caption, audiodescrição e tradução simultânea para pessoas ouvintes. O conteúdo do canal está disponível desde o início deste ano e, até maio, serão publicados 72 vídeos ao todo.

O projeto foi idealizado pela Associação de Pais e Amigos



Divulgação

Programação é produzida em Libras e outros recursos para facilitar a compreensão

Igualdade de condições e inspiração

Artistas surdos já se apresentaram no canal, ganhando visibilidade

Entre os nomes que já participaram dos programas estão a grafiteira Santa Surda, o artista plástico Marcos Anthony, o dançarino Diego Portela e os integrantes da banda Surdodum, entre outros. Além disso, o canal também exibe debates sobre temas relacionados aos direitos das pessoas com deficiência, poesia, contação de histórias e curtas-metragens, sempre com a presença de intérpretes e apresentação em Libras.

As apresentadoras do canal,

Núbia Laismann e Andreia Ferreira, são surdas e atuam na condução das entrevistas, que buscam valorizar e dar protagonismo a pessoas com surdez ou deficiência auditiva no contexto cultural. A proposta da TV Apada, segundo o diretor de acessibilidade do projeto, William Tomaz, “é dar visibilidade e protagonismo aos artistas e técnicos PcDs e aos projetos que têm a acessibilidade e a inclusão como propósito no cenário cultural”.



Divulgação

Entrevistas acontecem na Língua de Sinais

Ele acrescenta ainda que o objetivo é estabelecer igualdade de condições no campo da cultura e inspirar outros projetos a seguir o mesmo caminho, já que, segundo ele, as ações de incentivo ainda são insuficientes.

Início de tudo

O projeto tem suas raízes no Surdo Cinema, iniciado em

2017 com o intuito de capacitar pessoas surdas usuárias de Libras para o universo audiovisual. O canal também é um desdobramento de um projeto piloto, iniciado em 2014 pela professora surda Rejane Louredo e pelo intérprete de Libras Marcos de Brito, que produziam conteúdos audiovisuais voltados para a comunidade surda. A conti-

dos Surdos do Distrito Federal (Apada-DF) e é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF), com apoio de outras organizações, como Teus Sinais – Produção de Acessibilidade Cultural, Estúdio Formiguero e Nomade Vídeo Arte.

A TV Apada tem como um dos principais objetivos destacar a cultura surda e valorizar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como parte essencial da identidade cultural brasileira.

Produção

A programação da TV Apada é composta por entrevistas e apresentações de artistas surdos e com deficiência auditiva que atuam nas diversas áreas culturais. Uma forma de não apenas incentivar essa produção.

nuidade dessas ações, agora com a TV Apada, busca fortalecer a presença da cultura surda no Distrito Federal e no Entorno, contribuindo para a formação de plateia e a democratização do acesso à cultura.

Além de destacar a cultura surda, o projeto tem como princípio a defesa dos direitos das pessoas com deficiência e o cumprimento de legislações como o Estatuto da Pessoa com Deficiência e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), que apontam a deficiência como uma combinação de limitações individuais e barreiras sociais que dificultam a plena participação no exercício de direitos.

A Apada-DF, que é a responsável pela realização do projeto, tem uma história de 50 anos de luta pelos direitos das pessoas surdas no Brasil. Fundada em 1975, a associação foi criada com o objetivo de atender às necessidades informacionais e educacionais da comunidade surda.

Comédia Drag
apresenta Frimes e
Desirée Beck

PÁGINAS 8 E 9



Surdos do DF
protagonizam
programa online

PÁGINA 15



Aruc promove
capacitação para o
carnaval local

PÁGINA 13



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Oswaldo Montenegro
recorre a novos
recursos para ampliar
camadas sonoras do
show ao vivo

Por Affonso Nunes

Oswaldo Montenegro retorna aos palcos neste sábado (5), às 21h, no Vivo Rio, com o espetáculo imperdível, “O Melhor da Vida Ainda Vai Acontecer”, que, além de ser o título de seu novo sucesso, marca uma nova fase de sua carreira, em que a música se mistura com tecnologia e emoção. O cantor e compositor promete levar o público a uma experiência sensorial única, que une poesia, música e imagens. O novo projeto é uma celebração dos 50 anos de carreira de Montenegro, artista que sempre soube transformar suas vivências em canções e histórias.

A canção-título é um reflexo da sua visão otimista e poética sobre a vida, e outros sucessos de sua trajetória, como “Bandolins”, “A Lista”, “Lua e Flor” e “Léo e Bia”. A surpresa fica por conta de “Segue”, uma composição inédita ao vivo, que foi gravada por Gonzaguinha nos anos 1980. Ao fim dessa performance, a voz de Gonzaguinha será projetada no telão, fazendo um dueto virtual com Montenegro, criando uma sensação de reencontro entre os dois artistas.

A cenografia do espetáculo é uma atração à parte. Um imenso painel de LED no palco transforma o show em uma verdadeira experiência visual, criando um elo entre o artista e as imagens que retratam sua vida e carreira. Enquanto Montenegro se alterna entre violões de 6 e 12 cordas, no painel de LED ele surge ao piano, numa interação que traz uma sensação de imersão ainda maior para o



Divulgação

O Menestrel tecnológico

No show, Oswaldo
interage com o telão
(onde toca piano)

público. A flautista Madalena Salles, sua amiga-irmã de cinco décadas, também participa dessa “brincadeira” tecnológica, podendo multiplicar sua flauta e interagir com as imagens projetadas, criando camadas sonoras que enriquecem os arranjos pensados para o palco. Junto a eles, o multi-instrumentista Alexandre Meu Rei traz sua assinatura sonora, contribuindo com as guitarras e programações que adicionam um frescor contem-

porâneo às músicas de Montenegro.

O show apresenta uma sonoridade que mistura o tradicional e o moderno. As músicas do Menestrel ganham roupagem contemporânea, sem perder a essência que sempre fez a poesia de Montenegro tocar a alma dos fãs. O show, que mistura teatro, cinema e música, é mais do que uma apresentação – é uma verdadeira viagem sensorial, que faz o público se conectar

não apenas com a obra de Oswaldo, mas também com o artista, suas histórias, suas emoções e sua visão de mundo.

SERVIÇO

OSWALDO MONTENEGRO O MELHOR DA VIDA VAI ACONTECER
Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo) | 5/4, às 21h | A partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)